

A representação da masculinidade frágil nas mídias sociais: Análise do perfil de Dan Bilzerian no Instagram¹

Letícia Helena Takeno Camargo
Universidade de São Paulo, São Paulo/SP

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, São Paulo/SP²

Resumo

A masculinidade frágil é um obstáculo para homens e mulheres na sociedade contemporânea. Apesar de ser um tema amplamente discutido, este ainda é reforçado pela ordem social e pelos indivíduos por meio das mídias sociais, que atualmente possuem uma grande participação nas redes de relacionamento. Utilizando a Análise de Discurso como metodologia, este trabalho propõe-se a analisar o perfil de Dan Bilzerian no Instagram tendo como suporte uma revisão teórica sobre comunicação digital, masculinidade e a desvalorização do feminino, buscando dessa forma, compreender os conceitos acerca do tema, assim como seu compartilhamento no âmbito digital. Foi possível perceber com a análise do Instagram de Bilzerian que este é a representação da masculinidade frágil, reforçando estes aspectos na sociedade e influenciando outros homens com seu estilo de vida a partir das mídias sociais digitais.

Palavras-chaves: mídia social; masculinidade frágil; ordem social;

Introdução

Já faz décadas que a dominação do feminino e todo o machismo envolto nela são discutidos na sociedade. Entretanto, a masculinidade frágil é um conceito relativamente recente que vem se desenvolvendo desde o final do século XX. Apesar de ser um termo atual, a ideia que este carrega está presente na sociedade desde a institucionalização das diferenças de gênero, porém hoje compreende-se que a masculinidade frágil é uma adversidade tanto para as mulheres como para os homens, pois acaba subjugando ambos os grupos, tornando-se um problema social.

No início de julho de 2020, houve uma movimentação nas mídias digitais e veículos de comunicação devido à insatisfação de muitas brasileiras em relação a Dan Bilzerian, jogador de pôquer e figura pública na internet que ostenta uma vida de luxo e poder sustentada por práticas machistas, misóginas e androcêntricas. Toda essa discussão provocou uma reflexão sobre o poder da comunicação digital na sociedade e como as mídias sociais articulam assuntos importantes, como o feminismo e a masculinidade frágil.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo compreender a representação da masculinidade frágil nas mídias sociais utilizando o perfil de Dan Bilzerian como objeto de

¹ Trabalho apresentado no Espaço de Graduação 1 - Monografias e Iniciação Científica, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Orientadora do TCC apresentado na Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo em 11/12/2021.

análise. Como objetivos específicos intenta-se explorar o estabelecimento da comunicação na sociedade, assim como sua influência; também pretende-se investigar o conceito de masculinidade e como se deu seu desenvolvimento na sociedade; por fim, planeja-se entender a relação entre masculinidade frágil e a desvalorização do feminino e a propagação dessa masculinidade nas mídias digitais.

A Comunicação Digital e seu poder na sociedade

Os avanços tecnológicos alteraram a forma de se comunicar, marcando o início da comunicação digital. Ademais, esse desenvolvimento também alterou a forma de se relacionar, impactando as redes sociais, que foram amplificadas pelo uso das mídias sociais como espaço informacional e de interação.

A comunicação digital tem como características relevantes a facilidade de criação e disseminação de informações, possibilitando que qualquer pessoa se torne um difusor de conteúdo, viabilizando também uma maior interação e participação entre emissor e receptor (JENKINS, 2015 apud DUGNANI, 2019). É no contexto em que a informação se torna o alicerce para a estruturação das relações, que o fenômeno da “sociedade em rede” (CASTELLS, 2002) é instituído, juntamente com o estabelecimento da internet como base desse processo, ligando pessoas e informações através de uma rede global. Também a partir da análise dessa nova conjuntura, Pierre Lévy introduz o conceito de cibercultura, a qual é marcada pela liberação do pólo emissor, pela conexão em rede e a reestruturação dos modelos midiáticos (LEMONS, 2006, p. 53 apud SOUSA, 2013), sendo estabelecida pelas mídias digitais no ciberespaço. Este determina o “espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação” (LÉVY, 1999, p. 30), abarcando características como a desconexão com o espaço temporal e geográfico (LÉVY, 1999).

A interatividade propiciada pelas mídias digitais possibilitou que uma nova comunicação baseada em redes horizontais se estabelecesse, sendo nomeada por Castells como *mass self-communication* (CASTELLS, 2007 apud RUFINO, 2009). Traduzida como intercomunicação individual, a *mass self-communication* é definida por Castells (2006) como “uma nova forma de comunicação em massa – porém, produzida, recebida e experienciada individualmente”, sendo essa responsável por fortalecer aqueles que estão fora do sistema tradicional devido sua capacidade de controle e interferência na sociedade (CASTELLS, 2006). Por consequência, essa intercomunicação individual reflete o que vemos hoje na facilidade de indivíduos difundirem informações para uma infinidade de pessoas, tornando-os influenciadores sociais com poder para reforçar conceitos ou quebrar padrões.

Esse poder de influência que a comunicação desempenha sobre o pensamento das pessoas é responsável por elaborar o pensamento coletivo, “que não é a soma dos pensamentos

individuais em interação, mas sim um pensamento que absorve tudo e é difundido por toda a sociedade”, capaz esse de estabelecer os poderes sociais (CASTELLS, 2006). A conjuntura dinâmica vivenciada atualmente comprova a centralidade da comunicação como mediadora na estrutura social (SOUSA, 2014), atuando sobre todos os setores da sociedade e buscando na maior parte das vezes afirmar a ordem social, ao ainda contestá-la, pretendendo mudanças.

Comunicação e informação têm sido fontes fundamentais de poder e contrapoder, de dominação e mudança social ao longo da história. Isto se deve porque a batalha fundamental que ocorre na sociedade é a batalha sobre as mentes das pessoas. A forma como as pessoas pensam determina o destino das normas e valores sobre os quais a sociedade se baseia (CASTELLS, 2007, p. 3 apud CORRÊA, 2015, p. 4).

Apesar do novo modelo comunicacional alterar aspectos sociais devido à inclusão da tecnologia informacional, para Castells (2000 apud RUFINO, 2009, p. 5), a internet “é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são”, portanto, em uma esfera na qual o pólo emissor recebe autonomia propiciada pelo diálogo bidirecional, “uma configuração nova implementada e/ou proporcionada pelas redes sociais digitais, é a permissão para qualquer indivíduo transmissor de informação, ser produtor e ser consumidor de informação” (MANIERI, 2011 apud SANTOS; SANTOS, 2014, p. 322).

Este vínculo entre pessoas e informações permeia os níveis local e global (CASTELLS, 2006) devido a facilidade comunicacional possibilitada pelas inovações tecnológicas, principalmente as mídias digitais, que estabelecem influências sociais a partir da quebra de barreiras espaciais e temporais. As relações sociais acabam sendo delineadas por essas influências sociais distantes (GIDDENS, 1991 apud SETTON, 2005), que se instituem através de padrões culturais e sociais predominantemente aceitos, sendo estes constantemente reforçados por estas plataformas digitais.

A identidade do sujeito também tem sua construção e sentido relacionados com a comunicação e o contexto social (KEGLER; FROEHLICH, 2013). A comunicação estabelecida no ambiente digital favoreceu a ampliação das possibilidades de identidades devido à maior facilidade de estabelecer interações sociais, além do aumento do número de influências. Admitindo-se que a “comunicação se dá na interação indivíduo-sociedade, sendo nesta relação que ocorre a atribuição de sentidos e de investimentos simbólicos de acordo com a realidade dada e com o repertório dos sujeitos envolvidos” (KEGLER; FOSSÁ, 2010 apud KEGLER; FROEHLICH, 2013), a comunicação digital, em especial as mídias sociais, viabilizou a ampliação desse diálogo, possibilitando indivíduos com identidades múltiplas e modificáveis.

Considerando que "a mídia, [...], funciona como um espelho que reflete os conceitos e as idéias que circulam na sociedade e no cotidiano social" (MIRANDA, 2006, p. 65 apud PIRES, 2009), essa "contribui para a naturalização de crenças e de papéis sociais, de preconceitos e de relações de poder, entre elas, as relações de gênero" (PIRES & GIACOMELLI, 2008, p. 199 apud PIRES, 2009). Por isso, apesar da facilidade do compartilhamento de pensamentos ser um fato, Lévy (1999, p. 128) relembra que "[...] nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço".

Masculinidade e a desvalorização do feminino

De acordo com Berger e Luckmann (2002), toda análise da realidade social deve considerar que a sociedade é um produto humano e uma realidade objetiva, e que o homem é um produto social. A partir dessa ideia, entende-se a relação dialética entre indivíduo e ordem social, na qual atuam mutuamente um sobre o outro, e portanto, não é possível compreender o sujeito ou a sociedade sem entender o contexto de sua formação e toda a historicidade que os influenciou.

Durante séculos, as diferenças biológicas foram utilizadas como explicação para os contrastes sociais e de comportamento entre os indivíduos. A oposição dos sexos masculino e feminino, carregou por muito tempo, além de distinções naturais, também estereótipos de conduta, denominados masculinidade e feminilidade. O termo gênero, popularizado por Ann Oakley no início da década de 70, surgiu como uma alternativa para abarcar a formação dos sujeitos a partir de práticas sociais, diferenciando-se das questões sexuais biológicas (BAILEY, 1993, p. 100 apud HOOPER, 2001, p. 24, tradução nossa).

Antes mesmo da instituição do termo gênero, a ideia estabelecida pela palavra já era discutida por teóricos/as da área, como por exemplo Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*, no qual apresenta a máxima "ninguém nasce mulher, torna-se mulher", reforçando o conceito de construção social do gênero e excluindo o sexo como único fator determinante. Ainda sobre a obra, Butler (2003, p. 27) evidencia o fato de que na explicação de Beauvoir, nada sugere que o indivíduo que se torna mulher seja fêmea, enfatizando a multiplicidade de gêneros e indo mais longe, ao propor que, se "o corpo é uma situação" (Beauvoir, 1973 apud Butler, 2003, p. 27), este sempre esteve sob configuração dos significados culturais, impedindo que o sexo seja uma condição anatômica pré-discursiva, sendo gênero desde o princípio. Outro estudioso que contempla essa mesma concepção é Bourdieu, ao afirmar que:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo (2020, p. 26).

Como Butler (2003, p. 24) propõe, gênero é inconstante, “com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino”. Além disso, a concepção de masculinidade e feminilidade determinada como oposições únicas e não articuladas é simplista, não suportando a complexidade dos seres humanos e a diversidade de identidades, entendendo-se que um indivíduo flutua entre essas duas construções.

Assumindo a cultura como preceptor dos indivíduos, impõem-se como limite “um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal” (BUTLER, 2003, p. 28). Essa formulação sistematiza características e ações, diferenciando noções com base em oposições binárias, impedindo a possibilidade de uma manifestação transitória ou intermediária. Entretanto,

O conceito [gênero] passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 23).

Parte da sociedade ainda estrutura-se tomando como base esse discurso cultural hegemônico. O sujeito se desenvolve a partir da relação com o meio natural e com a ordem social e cultural (BERGER e LUCKMANN, 2002), iniciando seu contato com normas de comportamento e personalidade fundamentadas em padrões normativos para caracterizar gêneros, com foco naqueles hegemônicos. A psicóloga Eleanor Maccoby (1998, p. 38 apud KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2004) afirma que "o comportamento ligado ao sexo acaba sendo uma função penetrante do contexto social" mais do que uma manifestação da personalidade individual do sujeito, dessa forma, perceber-se a influência do coletivo na formação do indivíduo, estando essa ligada as instituições que nos cercam, como escola, igreja e família.

Os papéis sociais determinados a partir da socialização são estabelecidos com base na identidade de gênero, definida por Silva (2006) como características produzidas no âmbito social e cultural, que definem padrões de comportamento tanto para homens como para

mulheres, apoiadas nos princípios de masculinidade e feminilidade, respectivamente. Connell (KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2004) indica que a masculinidade e a feminilidade são produzidas juntas pela oposição, sendo assim, o padrão definido socialmente considera que masculinidade está ligada com ser forte, corajoso, independente, agressivo, viril e autoconfiante, enquanto feminilidade é tudo aquilo que se opõe a masculinidade, ou seja, tudo aquilo que um homem não deveria ser, como fraco, acanhado, dependente, tolerante, sentimental e indeciso.

A oposição entre homens e mulheres não se trata apenas de diferenciações, mas de desigualdades institucionalizadas, que sempre fortaleceram a desvalorização da mulher e da feminilidade na sociedade. O controle masculino que se organizou na sociedade ao longo dos séculos foi um processo de des-historicização e apagamento das mulheres da edificação social, sendo que

O verdadeiro objeto de uma história das relações entre os sexos é, portanto, a história das combinações sucessivas de mecanismos estruturais e de estratégias que, por meio das instituições e dos agentes singulares, perpetuaram, no curso da história bastante longa, e por vezes à custa de mudanças reais ou aparentes, a estruturação das relações de dominação entre os sexos (BOURDIEU, 2020, p. 138).

A problemática que acompanha a ideia de liberdade feminina é a sua instituição dentro da sociedade patriarcal, na qual por mais que as mulheres realizem ações com base nas suas vontades, essas estão estruturadas em um contexto machista que dita as regras coletivas, mesmo que de forma inconsciente, por estar enraizada na estrutura social. Bourdieu, que discute a violência simbólica, esclarece que “as próprias mulheres aplicam a toda a realidade, [...] esquemas de pensamentos que são produtos da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundadoras da ordem simbólica” (2020, p. 62). O sociólogo francês ainda enfatiza que a dominação masculina e a submissão feminina é “espontânea e extorquida” devido aos efeitos da norma coletiva nos sujeitos, que a conservam de forma natural e estruturada (BOURDIEU, 2020, p. 69) a partir da reprodução de padrões.

A dominação do homem coloca as mulheres como objetos simbólicos a partir da visão masculina de ser-percebido, ou seja, é estabelecida uma subordinação simbólica fundamentada no olhar masculino, assim como no olhar segundo categorias masculinas (BOURDIEU, 2020). Dessa forma, a objetificação que recai sobre as mulheres acaba instituindo uma insegurança em relação ao corpo, o qual é sexualizado em diversas situações. Esse estado, legitimado pelas instituições, faz com que as mulheres sejam “socialmente levadas a tratar a si próprias como

objetos estéticos e, por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância do corpo, das vestes, da postura” (BOURDIEU, 2020, p. 163).

Atualmente, desfez-se a ideia de que existe apenas um modo de ser homem, com isso, Connell (1995 apud SOUZA, 2009) introduz o conceito de masculinidades, desconstruindo o padrão único para um indivíduo manifestar-se e propondo uma pluralidade de masculinidades a partir da diversidade dos sujeitos. Kimmel (1998, p.106) ainda afirma que a pluralidade no termo reforça a ideia de que masculinidade tem significados diferentes para grupos de homens diferentes em distintos períodos.

A construção dessas masculinidades está vinculada com os valores e costumes sociais, os quais determinam como o indivíduo deve agir e sentir, não sendo fixas ao corpo ou personalidade do indivíduo e alterando-se de acordo com as circunstâncias sociais e as relações de gênero estabelecidas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Considerando a influência social para a construção das masculinidades, ainda existem padrões mais aceitos socialmente, os quais são manifestados através das masculinidades hegemônicas.

De forma geral, Connell e Messerschmidt (2013) entendem a masculinidade hegemônica como a combinação entre a pluralidade de masculinidades e a hierarquia entre elas, não sendo necessariamente a mais adotada, mas a normativa. “Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Connell (1995) ainda reforça que as masculinidades hegemônicas são produzidas a partir da interação com outras masculinidades, tendo estas um papel fundamental na formação e manutenção da hegemonia. Demetriou (2001 apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) identificou dois modelos de masculinidades hegemônicas, a externa e a interna, sendo a primeira relacionada à dominação dos homens sobre as mulheres e a segunda referente à influência de um grupo de homens sob outros, caracterizando a masculinidade subordinada.

Whetherell e Edley (1999 apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) sugerem que as masculinidades hegemônicas podem ser utilizadas de forma estratégica pelos indivíduos em práticas discursivas, ou seja, não significando necessariamente uma determinação do sujeito, mas sim uma posição adotada em um dado momento. A escolha da prática hegemônica como oportunidade situacional está intimamente ligada a proposição de que, ainda que muitos homens não a exerçam, acabam se beneficiando pela supremacia masculina enraizada em tal conduta, podendo inclusive se distanciar de divergências conectadas a realidade do modelo hegemônico (CONNELL, 1995 apud SOUZA, 2009). É também importante ressaltar que “as

masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideias, fantasias e desejos muito difundidos” (CONNELL; MESSERCHMIDT, 2013, p. 253).

A masculinidade hegemônica, como já mencionado, dita o modelo social e sustenta o patriarcado, portanto, estando estruturada “nos modelos tradicionais e dos predicativos da personalidade do homem, qual seja, “machista, viril e heterossexual”, do mesmo modo em que este deve apresentar distanciamento emocional, agressividade e comportamento de risco no seu dia a dia” (DA SILVA, 2006, p. 121), esta relaciona-se com a masculinidade tóxica e com a masculinidade frágil. A masculinidade tóxica está ligada a violência, podendo essa ser tanto física quanto psicológica, enquanto a masculinidade frágil está associada à necessidade constante de reafirmar socialmente a masculinidade, ligada ao padrão social do que é ser homem. Tais termos foram definidos a partir da compreensão social do caráter negativo conectado aos comportamentos dos homens antes tidos como normais, que prejudicam tanto homens quanto mulheres por suas condutas misóginas, homofóbicas, machistas e racistas, justificando o uso de palavras como “tóxica” e “frágil”.

Ao mesmo tempo que a masculinidade frágil é sustentada, parte da sociedade vivencia a crise da masculinidade, que, de acordo com Da Silva (2006), é caracterizada pelo conflito identitário. Além disso, o autor identifica que essa crise se organiza em dois momentos:

Primeiro, a partir da tentativa de se manter um modelo de identidade de gênero hegemônico e, ao mesmo tempo, pluralista, ora baseado em modelos tradicionais ora em modelos modernos de masculinidade, e segundo, a partir da impossibilidade de sustentar essa hegemonia no que se refere às subjetividades da maioria dos homens (DA SILVA, 2006, p. 121).

A crise foi estruturada a partir do avanço do movimento feminista e as conquistas das mulheres, responsável por confrontar a construção social do homem estabelecida, que acaba por perder seu papel tradicional de dominação (ARENT, 1999 apud PIRES, 2009) baseado na masculinidade em oposição a feminilidade, abrindo um novo espaço para reflexão e estruturação de uma nova identidade (SANTOS, 2010). Bourdieu (2020) entende o privilégio masculino como uma armadilha para os homens, que devem sustentar ideais inacessíveis para manter a ordem simbólica, já que acabam sendo, no conceito marxista, “dominados por sua dominação”. Essas exigências também estão conectadas com a estruturação da crise da masculinidade.

Com novas identidades de masculinidade se constituindo socialmente, autores como Badinter (1993 apud SANTOS, 2010) acreditam que a masculinidade tida como tóxica está no caminho para desaparecer, enquanto outros autores como Jablonski (1993 apud SANTOS, 2010) criticam tal posição, colocando-a como irrealista para uma sociedade que tem suas bases no patriarcado. Por isso, analisaremos como a figura de Dan Bilzerian, que corporifica as masculinidades tóxica e frágil, reforça tais comportamentos através do seu alcance nas mídias sociais, além de focalizar na influência de tal comportamento nas mulheres e na luta feminista.

Metodologia

Este trabalho utilizou a Análise de Discurso como suporte para o desenvolvimento da pesquisa por possibilitar a análise imagética de forma qualitativa, buscando compreender os sentidos presentes no conteúdo em relação à temática da pesquisa, que abarca a comunicação digital e a masculinidade tóxica. Como material de análise utilizou-se imagens publicadas no perfil do Instagram de Dan Bilzerian, consistindo nas postagens das últimas 52 semanas, de outubro de 2019 à setembro de 2020, totalizando 29 publicações.

Análise 1: A dominação do homem sobre as mulheres

A temática que mais chama a atenção ao observar o perfil de Dan Bilzerian no Instagram é definitivamente a exposição da mulher de forma a objetificá-la, sendo que, dentre as 29 publicações que compõem o *corpus* do trabalho, 20 delas retratam a figura feminina, sendo 17 delas problemáticas. A imagem de Dan Bilzerian construída digitalmente segue o modelo da masculinidade hegemônica, discutida por Connell e Messerschmidt (2013). Os autores ainda mencionam que “para se sustentar um dado padrão de hegemonia é necessário o policiamento de todos os homens, assim como a exclusão ou o descrédito das mulheres” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 260).

Esse descrédito das mulheres é feito através da objetificação promovida nas fotos do perfil de Bilzerian, sempre exibindo mulheres seminuas ou completamente nuas que dirigem toda a atenção a ele. Essas mulheres “[...] só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens” (BOURDIEU, 2020, p. 76). Além disso, a forma como é feita a representação dessas mulheres, estabelece uma situação propícia para a construção da ideia de mulheres descartáveis, substituíveis, destituindo-as de valor como sujeito. Considerando também que a ideia de masculinidade se fundamenta na coibição de aspectos femininos (SCOTT, 1995), o controle dos homens é instituído através dessa repressão,

alimentada pelas representações imagéticas compartilhadas por Bilzerian, nas quais reforçam a oposição entre masculino e feminino, contribuindo para desvalorização da mulher.

A sociedade sustenta a ideia de que as mulheres são livres, e que se estão fazendo algo ou se colocando em alguma situação de submissão é por vontade própria, mas “as tendências à submissão dadas por vezes como pretexto para “culpar a vítima” são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução” (BOURDIEU, 2020, p. 72). Além disso, essas estruturas que contribuem para a dominação da mulher o fazem colocando esse tipo de pensamento de forma natural na sociedade, como ressalta Bourdieu no seguinte trecho:

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas estão lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos (BOURDIEU, 2020, p. 96).

Dessa forma, entende-se que as mulheres que se sujeitam a exposição feita por Bilzerian estão seguindo essa lógica propagada pelos mecanismos sociais, a qual naturaliza a dominação masculina e a apresenta para a mulher como admissível. Portanto, entendendo que não é apenas a tomada de consciência que resolverá o problema do patriarcado (BOURDIEU, 2020), é importante refletir que em muitas situações a questão não é a imposição ou não de um determinado comportamento, mas sim a estrutura que reforça tal conduta.

Análise 2: A masculinidade associada a aparência física

O corpo é uma construção cultural e social rica em elementos simbólicos, e por isso é um dos principais dispositivos que os indivíduos possuem para a produção de sentido (SOUZA, 2008 apud FILHO, 2013). É a partir do corpo que homens e mulheres se inserem na sociedade, e como coloca Daolio (1995, p. 39 apud FILHO, 2013, p. 6), vão “assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação”, logo, a masculinidade se instaura nos indivíduos devido ao seu caráter social.

A aparência física é um dos principais fatores atrelados a identificação de gênero, e consequentemente a masculinidade, a qual enaltece corpos fortes e musculosos como forma de manifestar poder e dominação. Essa superioridade presente na força física masculina é aplicada sobre as mulheres e também sobre outros homens. As mulheres, já dominadas de outras formas, são igualmente subjugadas pela força física masculina, sendo essa uma forma de reafirmação da heterossexualidade dos homens. Esses, que competem entre si para provar sua

masculinidade, também estabelecem poder sobre outros homens, determinando um distanciamento e controle sobre seus corpos por meio de instituições e certas práticas.

No seu perfil do Instagram, Dan Bilzerian publica regularmente fotos sem camisa, de forma a exibir seu corpo. Esse comportamento acaba reforçando um padrão físico que serve de modelo para outros homens. A influência que Bilzerian causa em relação a aparência pode ser notada pelos comentários em suas fotos, nas quais manifesta-se o desejo de ter o mesmo físico que Dan Bilzerian.

Connell e Messerschmidt (2013) associam a representação e emprego dos corpos dos homens à masculinidade hegemônica, que dentre suas características, tem a virilidade como um de seus elementos constituintes. Bourdieu (2020, p. 92) vê a virilidade como “uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”.

“Toda a estrutura social está presente no curso da interação, sob a forma de esquemas de percepção e de apreciação inscritos no corpo dos agentes em interação” (BOURDIEU, 2020, p. 107), ou seja, a ordem simbólica está personificada no corpo físico, que acaba por influenciar outros homens e conseqüentemente colaborar para perpetuação deste tipo de masculinidade, que cabe nas tipificações de masculinidades frágil e tóxica.

Análise 3: A figura masculina associada ao poder

Existe uma grande difusão da cultura produzida em centros de influência econômica, política e sociocultural, principalmente com o advento da tecnologia, sobre a estrutura de gênero locais ao redor do mundo. Tanto as armas quanto o dinheiro são objetos que carregam um simbolismo muito grande relacionado ao poder, além de ambos estarem extremamente conectados com a masculinidade hegemônica.

A arma em si é a materialização do poder do homem presente na ordem social, definido por Freud em “A interpretação dos sonhos” como um símbolo masculino, sendo uma representação da agressividade contra a mulher junto com o pênis (ARIAS, 2019). A posse de uma arma concede o poder de decisão entre vida e morte, além de tal objeto estar ligado com a violência exaltada pela masculinidade, sendo esse um instrumento de poder que é introduzido na vida dos meninos já na infância, normalizando o seu uso. Dan Bilzerian, que já serviu o exército, usualmente posta fotos com armas, servindo de exemplo para aqueles que o acompanham, além de incentivar o uso e posse de armas.

O dinheiro é outro tema que se relaciona com a masculinidade e assim como a arma, este também remete a poder. Na sociedade capitalista, o dinheiro representa independência e possibilidade, sendo que o sucesso profissional tem uma conexão direta com o quanto se ganha. Considerando a perspectiva da masculinidade hegemônica, sustentar-se e prover à família é uma questão importante para os homens, ferindo a honra caso tenha que ser ajudado financeiramente. Bilzerian exibe constantemente uma vida luxuosa com bens materiais e experiências que só uma grande quantidade de dinheiro poderia proporcionar. Essa questão relaciona-se com o exagero das mídias sociais, nas quais ostenta-se muito apenas por aparência e *status*. Ademais, o jogador de pôquer compartilha diversas fotos nas quais expõe notas de dinheiro, estabelecendo uma atmosfera de poder.

Considerações Finais

A realidade social é construída com base em valores e normas, logo, concepções que constituem essa realidade, como o papel da masculinidade e feminilidade associada a gêneros também é fabricada, neste caso, seguindo uma estrutura patriarcal e machista. Embora a definição de gênero seja vista por Butler (2003) como variante, existe ainda um julgamento hegemônico predominante na sociedade que ainda vigora e se propaga devido à ordem social.

As masculinidades frágil e tóxica traduzem o ideal de masculinidade cultivado na sociedade durante séculos, porém, agora entende-se a implicação negativa ao redor deste conjunto de comportamentos. Agressividade, camuflagem de sentimentos, dominação das mulheres, todas essas ações estão associadas a essas masculinidades. O conceito de masculinidades desenvolvido por Connell expõe multifacetado em torno do ser homem na sociedade, mesmo que ainda ancorado nas normas e valores sociais. Apesar disso, o autor salienta a existência do modelo hegemônico, que afeta e é afetado por outras formas de masculinidade, e acaba por servir como exemplo para vários homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). A masculinidade hegemônica, que sustenta o patriarcado, e está associada à masculinidade frágil, foi amplificada com os meios de comunicação digital, principalmente as mídias sociais, que passaram a dar visibilidade para indivíduos que sustentam e representam esse modelo de comportamento.

Bilzerian, que pode ser considerado uma representação da masculinidade frágil na sociedade, constitui-se como influência para muitos homens. Com publicações que manifestam a dominação do feminino, exaltação do físico e o poder atrelado ao dinheiro e posse de armas, este se estabelece como reprodutor e mantenedor de uma ordem social que prejudica homens e mulheres. Entretanto, apesar do descrédito dado a Bilzerian por muitas pessoas, é inegável sua

influência nas mídias sociais digitais, visto as milhões de pessoas de diversos continentes que o acompanham.

A problemática em torno de figuras como Bilzerian está começando a ressoar na sociedade. Um reflexo deste movimento é a crise da masculinidade, que condensa todas as adversidades da masculinidade hegemônica. Apesar disso, ainda existe um longo caminho a ser percorrido, para Connell e Messerschmidt (2013) é importante notar que a masculinidade hegemônica não está correlacionada com uma vida satisfatória e os autores ainda colocam como estratégia para a atualidade a instituição de uma hegemonia positiva. Já MacKinnon (apud KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2004) acredita que a resolução estaria associada à abolição da masculinidade e feminilidade, já que a masculinidade sempre definiu a sociedade e é vista pelo autor como inumana. De qualquer forma, a temática da masculinidade deve ser discutida e estudada a fim de permitir uma sociedade mais justa e saudável para homens e mulheres.

Referências

ARIAS, Juan. **Por que os homens vibram mais com armas do que as mulheres?**

El País. 18 jan. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/17/opinion/1547763738_936846.html. Acesso em 12 nov. 2020.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 22ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, M. **A era da intercomunicação**. Le Monde Diplomatique Brasil, 2006. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-era-da-intercomunicacao/>. Acesso em: 13 out. 2020.

CONNELL, Robert W. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, v.20, n.2, p.185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: Acesso em: 28 de Ago. 2020.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Estudos Feministas, Florianópolis, v.21, n.1, p.241-282, jan./abr. 2013 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 24 Ago. 2020.

CORRÊA, E. S. **Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da Comunicação.** In: XIV Congresso Internacional IBERCOM, 2015, São Paulo. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002736076.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

DA SILVA, Sergio Gomes. **A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista.** Psicologia Ciência e Profissão, v. 26, n. 1, p.118-131, 2006 Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n1/v26n1a11.pdf>. Acesso em: 21 Set. 2020.

DE PAULA, R. C. M.; DA ROCHA, F. N. **Os Impactos da masculinidade tóxica no bem estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva.** Revista Mosaico, v. 10, n. 2, SUPLEMENTO p. 82-88, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1835/1336>. Acesso em: 24 Set. 2020.

DUGNANI, P. **Meios de comunicação: Extensão e Alienação.** Revista Observatório, Palmas, v. 5, n. 4, p. 481-501, jul./set. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/6590/15508>. Acesso em: 14 out. 2020.

HOOPER, Charlotte. **Manly states: masculinities, international relations, and gender politics.** New York: Columbia University Press, 2001.

KEGLER, Jaqueline Quincozes da Silva; FROEHLICH, José Marcos. **Identidade: contexto social e interações mediadas na construção identitária.** Razón y Palabra, n.81, nov./jan. 2012/2013. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/N/N81/V81/24_QuincozesFroelich_V81.pdf. Acesso em: 31 out. 2020.

KIMMEL, M. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. **Handbook of Studies on Men and Masculinities.** Sage Publications, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

MATTOS, Frederico. **Sexo, dinheiro, força e poder: as prisões masculinas.** Papo de homem, 29 out. 2013. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/sexo-dinheiro-forca-e-poder-as-prisoemasculinas/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

PIRES, V. L. **A crise do macho: reflexos da relação de gênero.** In: Anais 17º COLE. Campinas: 17º COLE, p.1-17, 2009. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoesanteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_1832.pdf. Acesso em: 24 Set. 2020.

RUFINO, C. F. G. **A sociedade em rede e a segunda geração da internet: reflexões para o campo da comunicação organizacional.** In: GT ABRAPCORP 3 - Comunicação digital, inovações tecnológicas e os impactos nas organizações, 2009, São Paulo. Anais do III ABRAPCORP, 2009. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2009/pdf/GT3_Carina.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

SANTOS, S. C. M. **O modelo predominante de masculinidade em questão.** Revista de Políticas Públicas, v. 14, n. 1, p. 59-65, jan./jun. 2010.

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. E. **As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas.** Holos, vol. 6, p. 307-328, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547175023>. Acesso em: 03 out. 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil da análise histórica.** Trad. Guacira Lopes Louro. Educação & Realidade, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 29 Ago. 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p.335-350, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12482/14259>. Acesso em: 08 Set. 2020.

SIMÕES, I. A. G. **A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação.** Revista Eletrônica Temática, ano V, n. 05, maio 2009. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/52266/mod_resource/content/1/Sociedade_Cibercultura.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

SOUSA, M. W. **A Comunicação Social como Processo de Publicização: a Perspectiva do Mundo Compartilhado.** Revista Novos Olhares, v.3, n.1, p. 109-117, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/83589/86525>. Acesso em: 09 set. 2020.

SOUZA, M. F. **As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s).** Mediações, v. 14, n.2, p. 123-144, Jul/Dez. 2009. Acesso em: 23 Set. 2020.